

À espera dos
Girassóis

Poesias de amor e espera

Ae
O Artífice editorial

Solange Sólton Borges

À espera dos
Girassóis

Poesias de amor e espera

O Artífice editorial



Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, e não tivesse amor,
seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

I Coríntios 13: 1; Paulo





Não se engane:
porque sonho lares e amores,
porque sou toda raízes...



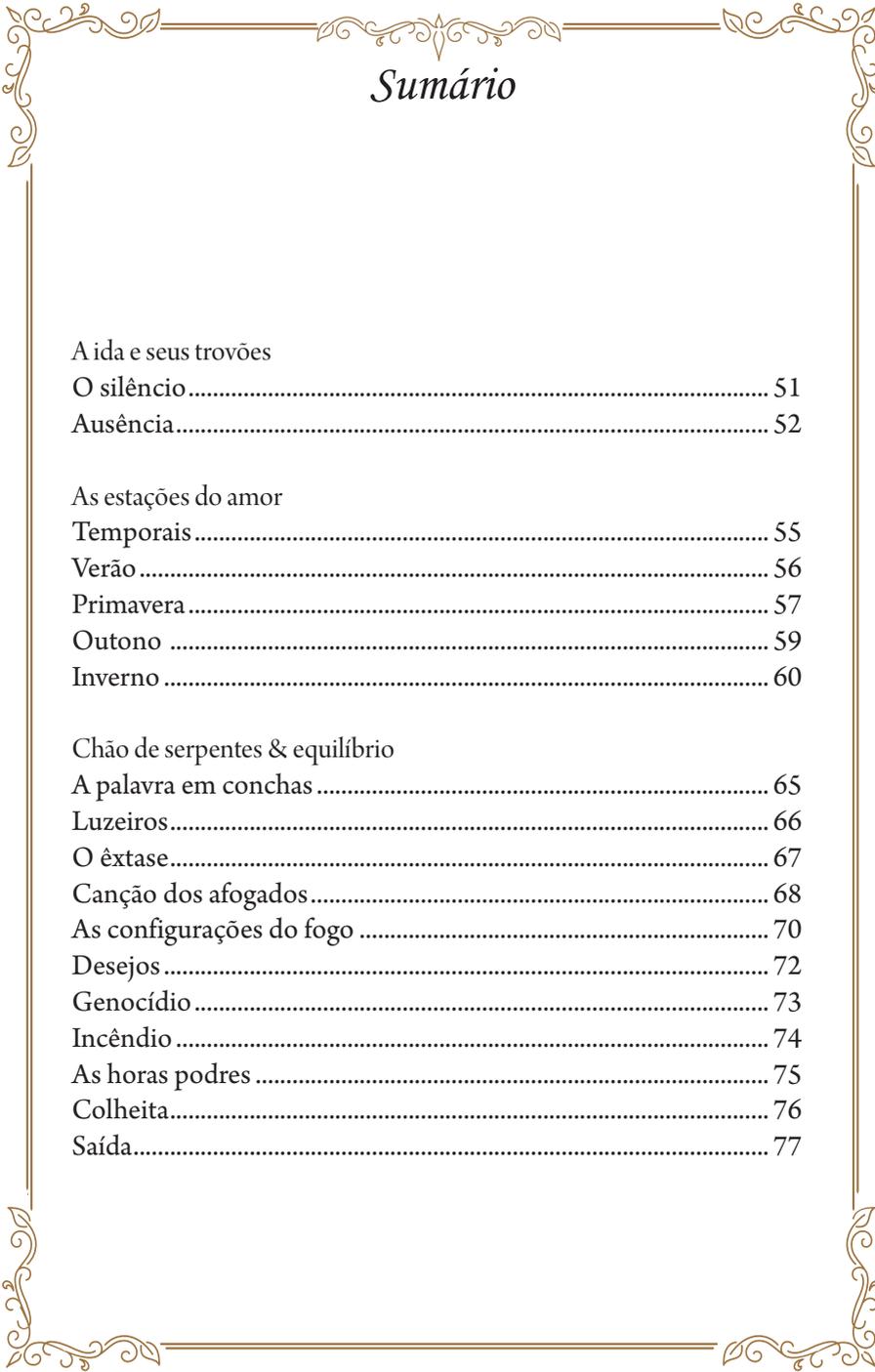


Ao homem que, no futuro,
me amará com perfeição
e alegrias incontáveis...



Sumário

Jardins regulares	
A vertigem dos girassóis	15
Não há ciência nem luz no amor.....	16
Campo de tulipas	17
Canteiros	18
Motivos e chegadas	
A chegada do meu amado.....	23
Época de cheia	25
A casa dos sabores	
Amores & temperos.....	29
Primevo.....	31
Cotidianos e andaimes	
Nos passos do meu amado	35
O retrato: blues.....	36
A linguagem das águas	37
A conspiração dos livros	39
Cotidiano.....	41
O círculo do êxtase	
As altas torres da alegria.....	45
Entre 4 paredes	47
Fidelidade	48



Sumário

A ida e seus trovões

O silêncio.....	51
Ausência.....	52

As estações do amor

Temporais.....	55
Verão.....	56
Primavera.....	57
Outono.....	59
Inverno.....	60

Chão de serpentes & equilíbrio

A palavra em conchas.....	65
Luzeiros.....	66
O êxtase.....	67
Canção dos afogados.....	68
As configurações do fogo.....	70
Desejos.....	72
Genocídio.....	73
Incêndio.....	74
As horas podres.....	75
Colheita.....	76
Saída.....	77



Jardins regulares



Você esmaga uma rosa se apertá-la com carinho demais.
A natural truculência que é amor também.
Restos de uma demolição de alma...



Clarice Lispector

A vertigem dos girassóis

Um poeta chinês observou há muitos séculos que recriar algo com palavras equivale a viver duas vezes.

 *Frances Mayes*

As estações têm sempre a porta aberta para o segundo verão. Na turbulência dos girassóis exuberantes, você surge com o sorriso ávido de flores e ervas aromáticas e percebo que não estou apenas diante de um corpo absolutamente másculo à vontade em si mesmo. Mas um rosto com seu depoimento de fera e história, com a sua biografia de barcos que atravessaram outros mares em busca das cartas celestiais. O rosto que desejo tocar com generosidade e toda a delicadeza possível. Quero alcançar esse silêncio belo e mergulhar no arco-íris que gira vertiginoso à sua volta para entendê-lo de fora e também em sua intimidade.

Por isso aprendi a trocar com frequência meus frágeis vasos das janelas, pois o Sol faz seu trabalho feminino de arredondar sombras em cantos ocultos e inesperados e é preciso acompanhar as mudanças. É assim que aguardo a precipitação das sementes e sua eclosão a gerar a absurda amplitude das cores e vertigens. É meu modo de lidar com raízes que pulsam ambivalentes: luzes e penumbras, pássaros e águas, pousos e voos, plantios e colheitas, mágicas e pólenes dourados.

Entre palavras e matizes, sublimo a claridade e meus dias se bastarão para os dias e, então, terei inventado a eternidade.



Não há ciência nem luz no amor

Hoje executarei meus versos na flauta
de minhas próprias vértebras.

 *Maiakovski*

É preciso algo de ordem ou de sonhos quando as luzes dos meus amores iluminam mil varandas e canteiros. É preciso ofertar essa rosa vermelha para girar a chama lenta do seu peito a exalar o perfume desse meu travo de alegria.

Minhas dores são cacto. Meus amores, cravo. E meu olho arde e vigia sua boca nua. Quero água e ervas, a língua repleta das palavras fáceis como a dos meninos inocentes que não temem a violência da sombra do meio-dia.

Veja essa rosa vermelha que oferto, raízes expostas com seu repertório de pequenos espasmos de anjos que cantam noite adentro a saudar cada pétala com suas asas recolhidas.

Não há ciência nem luz no amor. Só essa rosa vermelha que tenta deter as liras da minha loucura, minhas febres oceânicas, convulsões do universo feminino.



Campo de tulipas

Quem, se eu gritasse, entre as legiões dos anjos me ouviria?

 Rainer Maria Rilke

Meu campo de sonhos foi povoado por tulipas que explodem em cores, luzes e ramos. Você me diz que são meros retratos, castos, abstratos, naturezas mortas, mas não é verdade... As tulipas expressam a força dos tons e dos homens.

As mãos se incumbem dessa delicada tarefa feminina da transformação: organizar a vida íntima das cores e sua química; a harmonia contida em cada etapa precisa da pintura que derrama sua tonalidade na tela aparentemente em branco.

Aparentemente em branco, mas também não é verdade... A iluminura está lá, oculta, escondidinha nas ranhuras do tecido, aguardando o que só o sensível olhar do artista pode precisar.

Chego mais perto, repleta de pincéis e espátulas a cutucar a vida oculta dos retratos, que pulsa; dar contorno à asa ritmada das gaivotas, às folhas que se casam com as pétalas, ao mar calmo, aos barcos que repousam no azul, aos girassóis que guardam o dom da vida em vasos brilhantes, à linha do horizonte que se funde com o céu a dizer o que é infinito e que a criação é um mergulho sem fim.

E está tudo lá: no nada. E só o artista vê e ouve a confissão das imagens que pedem vida. E o artista vai e cumpre o seu papel: escuta o nada e recria o mundo.



Canteiros

Envelhecer como se já tivesse amado.

 *Clarice Lispector*

Há dias de sol tão forte que me abro inteira — feito cortinas —, assim as perdas queimam e secam as cicatrizes. Quero violetas com flores porque o trabalho de cura é só meu.

Não aceito migalhas, sou terra a ser regada. Meu coração alerta que a alma necessita de canteiros: para que se torne plena, reflita luz e as flores invadam meu sono audaz. Vou plantar guelfos e duendes sorridentes nos jardins para que não haja mais martírios. Gerânios fresquíssimos nascem.

Amor é plenitude e nunca subtrai: não há nome para determinadas dores expostas. Há a posse muda, porque não concordo que seus contornos visitem outras existências. Não existem regras, são as razões do meu benquerer, pois cavalos alados de amores pateiam velozes dentro de mim, espantando lobos que cerceiam meus sonhos, projetando sombras no porão.

Quando respirei intensa pela primeira vez não havia trincadura e a terra se encharcou em demasia. É preciso secá-la, preparar o campo, cuidar do banho, cobrir-me de luz e me sentir belíssima, tornando a alma macia para que ao ouvir os meus gemidos não os tome como dores precipitadas, mas os entenda como arrulhos de prazer atroz.

Tenho vontade de delicadezas em dias ensolarados, fazer dobraduras, comer doces, visitar casas com vitrais coloridos, ver crianças pulando, coração em encanto. Alinhavos do cotidiano.

Quando irei florescer de novo? Fico nesse torpor que passa internamente e que não é sopro, nem vírgula, nem êxtase. Quero conquistar permanência... Onde a nossa casa ancorada no tempo? Até aonde posso mergulhar em minha profundidade?

